

ABIGAIL: A EXPERIÊNCIA DE UM TCC INCOMUM E A PRESENÇA DA DRAG QUEEN DENTRO DA UNIVERSIDADE

SILVA, Gengiscan Pereira (1) OLIVEIRA, Adriano Moraes de. (2)

- (1) Formando do curso de Teatro – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. gengiscansilva@hotmail.com (2) Professor do curso de Teatro – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. Orientador do trabalho. adrianomoraesoliveira@gmail.com

EDIS 15 - Performatividades, Sexualidades e Invenções de Si

Resumo: Neste texto verso sobre como foi o processo de feitura do meu trabalho de conclusão de curso, intitulado "Abigail: Discursos sobre o fazer *drag*", cujo qual teve como tema principal o meu processo de criação enquanto artista-*drag queen*, que desenvolvo há mais de dois anos com a minha *drag* Abigail Foster. No TCC relato cada "montação" que fiz em um memorial e há também um ensaio fotográfico onde pode-se acompanhar uma noite de "montação". Além disso, discorro sobre temas que perpassam o universo da *drag queen*. O trabalho foi desenvolvido em formato de revista, com uma linguagem mais leve e não tão formal. O objetivo dessa escolha metodológica é de que a revista possa chegar no maior número de pessoas que desenvolvem a arte *drag* ou tenham interesse de conhecê-la e não tem contato com textos acadêmicos. Neste artigo também discorrei sobre algumas experiências que tive enquanto *drag* dentro da academia.

Palavras-chave: Arte *drag*; Personagem; Pesquisa Teatral; Processo Criativo; Arte LGBTQIA+.

Introdução

Realizo um trabalho como *drag queen* há mais de dois anos, na minha cidade Pelotas – RS. Então, quando cheguei ao último ano do curso de Teatro – Licenciatura da UFPel em 2017 e tinha que realizar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sabia que era sobre a Abigail Foster (minha *drag*) que eu gostaria de falar. Entretanto, estava completamente perdido sobre o que exatamente eu iria falar. A ideia inicial era pesquisar a influência do teatro na criação da *drag queen*, e comecei o processo fazendo um memorial sobre todas as vezes em que me montei como Abigail, falando de uma forma bem explicativa, formal, tentando analisar o que foi mudando de montagem para montagem. Porém, o formato comum não me agradava e eu estava começando a ficar infeliz com o processo e procrastinando a escrita do texto cada vez mais. Foi então que numa reunião de orientação, meu orientador Adriano Moraes de Oliveira, me sugeriu que mudasse o formato e o assunto do TCC, notando a minha infelicidade com o processo. A sugestão foi de que eu fizesse uma revista falando sobre a Abigail (usando o memorial que eu já estava escrevendo) e todo o universo que gira em torno dela e do fazer *drag*. Minha tarefa era escolher assuntos que eu achasse que fossem pertinentes serem abordados numa revista que foi feita de uma *drag* para outras *drags* e pessoas que se interessassem nessa arte. Apesar de ter de abandonar um processo para começar outro, essa ideia foi o que me motivou a continuar com a realização do TCC.

Logo então, comecei a pesquisar formas de fazer a revista, quais os conteúdos e formatos possíveis, o que deveria conter em uma revista, etc. Comecei também a folhear revistas que eu tinha em casa e comecei a comprar outras, para pegar inspiração, tanto de *layout*, quanto de escrita. O *layout* da revista ficou a cargo de Alexandre Souza, meu namorado, que é estudante de Design Gráfico na UFPel. Queríamos que fosse algo colorido e divertido, mas não adolescente. A linguagem da revista, a mesma coisa: Usei uma linguagem mais informal, com gírias que usamos no meio *drag*, com piadas, enfim, uma linguagem mais descontraída, mas sem ser superficial. O objetivo disso era dialogar com outras *drags* que não têm contato com a academia e suas produções. Eu estava determinado a fazer um trabalho que fosse lido pelas minhas “manas” *drags* e que elas pudessem se interessar em ler algo que reunisse diversos textos sobre o nosso fazer, sem ser algo academicista, hermético, que não conversasse com elas. E assim nasceu a revista “Abigail: Discursos sobre o fazer *drag*”.

A revista

Logo no início da revista, eu faço uma “Carta do editor”, que funciona como a Introdução do TCC, explicando qual o motivo de eu ter escolhido este formato, o que o leitor encontraria na revista, quais as motivações de eu ter feito esse TCC, etc. E logo depois há uma seção em que eu intitulei de “Não dê close errado”¹, onde eu tento explicar quais as diferenças entre transformista, *drag queen*, *drag king*, *crossdresser* e pessoa trans, de acordo com o que é de senso comum dentro dos lugares LGBTTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, *queer*, intersexo, assexuais, e +) que eu frequento. E esse talvez seja um dos grandes pontos da revista: a(s) principal(is) referência(s) do meu trabalho é(são) as minhas vivências e de outras *drags* e pessoas do meio LGBTTQIA+. Entendendo que essas vivências se transformam em conhecimentos que são passados oralmente e que não necessariamente estão esquematizados em publicações acadêmicas.

Após essa introdução, há uma coluna que se chama “Linha do Tempo da arte *drag*” onde, baseado num estudo de AMANJÁS (2015), que esquematiza o percurso histórico da arte transformista, que diz:

A história da humanidade apresenta inúmeras passagens em que o ato de se vestir (montar) em *drag*, além de um posicionamento artístico e político, foi uma necessidade cênica imposta pela sociedade e pela moral vigente. Desde a Grécia clássica até os dias atuais, homens personificam a imagem feminina em diferentes aspectos, da maneira mais realista ao total estilizamento da forma. A *drag queen* sofreu metamorfoses reais tanto em sua estética como em sua função, mas nunca perdeu seu principal objetivo – a grande arte do estranhamento. (AMANJÁS, 2015, p. 1)

Nesse mesmo artigo, Igor Amanjás trouxe a seguinte constatação: “[...]a linguagem da *drag queen* poderia se caracterizar como um território dramático para o ator, assim como o *clown*, o bufão e a *commedia dell’arte*.” (2015, p.1). Essa citação me motivou a traçar um comparativo entre *drag*, *clown* e bufão, e daí surgiu a coluna: “*Drag* um fazer artístico”, onde eu fiz esses paralelos e ainda elenquei alguns pontos que provam que *drag* é sim uma forma de arte.

Uma das decisões que tomei no processo da revista é que ela não teria somente a minha voz, mas também outras vozes. Senti que só a minha não bastava para dar conta da imensidão que é o mundo *drag*. Então, convidei outras *drags* para escreverem textos para a

¹ Significa “não faça/pense/fale bobagem”.

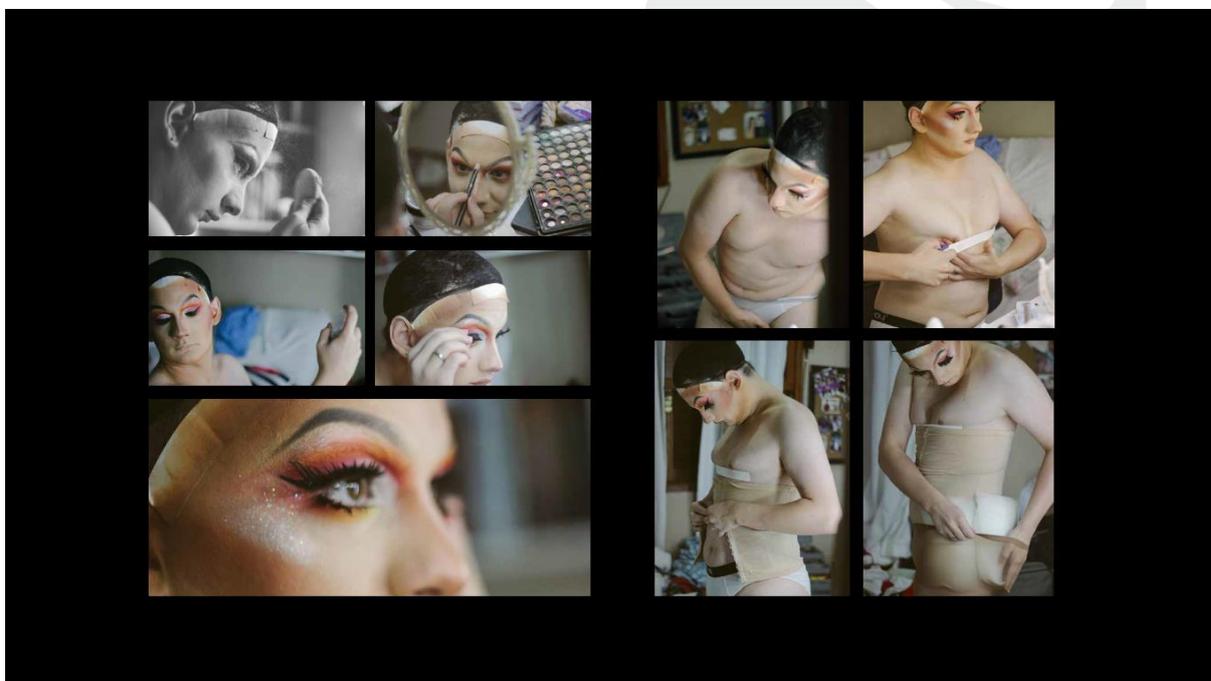
revista, passando pela minha revisão e orientação. A revista contou com participação de mais três outras *drags* contribuindo com suas vivências sobre nosso fazer em colunas. A *drag* Maddivah Vuitton, de Pelotas - RS, deu dez dicas para *drags* iniciantes na coluna “Top 10 da top *drag*”, com base nos seus onze anos de carreira. Sarah Vika, de Porto Alegre – RS deu cinco dicas de maquiagem *drag*, pois é um assunto que ela se interessa e se dedica bastante. A *drag* Rita Von Hunty, de São Paulo – SP escreveu uma poesia chamada “Rita”, colocando sua visão de escritora sobre o nosso fazer.

O principal assunto da revista (a capa), foi a trajetória da Abigail Foster. Então, decidi por narrar todas as vezes em que me montei, numa espécie de memorial. A diferença é que quem narrou o memorial foi a própria Abigail, pois achei que seria interessante brincar com essa multiplicidade de vozes, e que ela seria a melhor pessoa para narrar a sua própria história. A seguir, o trecho em que a Abigail explica como se dá o memorial:

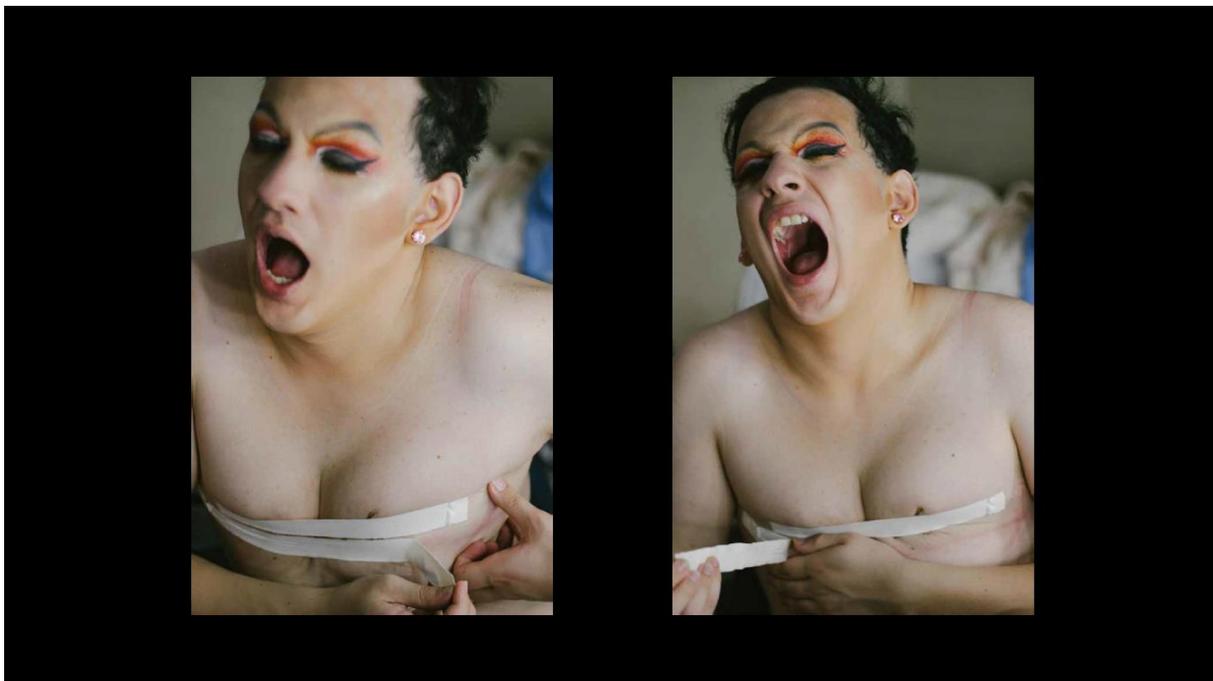
Olá caro leitor, leitora, leitore, ou qualquer um dos trezentos e oitenta e seis gêneros que você se identifique, meu nome é Abigail. Abigail Foster. Sou atriz, *drag queen*, e nas horas vagas eu faço drama para conseguir as coisas que eu quero. Minha idade não te interessa, até porque, pela quantidade de remédios e doses de Martini que eu já tomei nessa vida, eu nem me lembro mais, e também não importa, não é mesmo? Fiquei riquíssima quando meu ex-marido foi encontrado morto no porão da nossa casa por razões que até hoje são desconhecidas. Descanse em paz, Astolfo. Tivemos duas filhas, Havanna e Lola, meus amores, que estudam num internato na Suíça e vêm me visitar de vez em quando (e fazer shows em boates de público duvidoso).

Eu achei que seria interessante contar a minha história e a minha trajetória para vocês. E antes que vocês possam se confundir com a narrativa, considere que eu e Gengiscan somos uma pessoa só. Aliás, sou uma parte dele (a mais bonita, mais bem vestida e educada, claro), então nossa trajetória é, de certa forma, a mesma. Basicamente, serei eu, Abigail, narrando a história do Gengiscan me construindo. Deu para entender? Espero que sim. Se não, pega uma bebida, toma uns goles que você vai ficar no mesmo ritmo que eu e talvez entenda melhor. (SILVA, 2018, p. 20)

E a partir daí a Abigail vai narrando o seu (nosso) processo de criação e evolução enquanto artistas durante os dois primeiros anos de *drag* (de fevereiro de 2016 até dezembro de 2018). Após esse memorial, há a seção “Uma noite com Abigail”, onde expus todo o processo de montagem de uma noite. Desde a depilação, passando pela maquiagem e roupa, durante a performance na festa e finalizando com a parte que mais me toca: a “desmontação”, onde eu exponho o processo de retirada da maquiagem e da roupa. A intenção desse ensaio fotográfico é desconstruir o *glamour* que é imposto sobre a figura da *drag* e expor as dores, os bastidores e o que acontece no processo que muitas pessoas não sabem. A seguir, algumas fotos:



Páginas 32 e 33 da revista. Fotos: Alexandre Souza, 2018.



Páginas 40 e 41 da revista. Fotos: Alexandre Souza, 2018.

Após o ensaio fotográfico, apresento o texto “Fazer *drag* dói: um desabafo”, em que busquei transmitir quais as dores que as *drags* sentem, tanto físicas quanto psicológicas, sempre na busca de humanizar e desmistificar o nosso fazer.

Outro assunto abordado na revista é a influência midiática dentro do meio *drag*. Para isso escrevi duas colunas: “Os prós e contras de *RuPaul’s Drag Race*” e “A questão Pablllo Vittar”. Na primeira, falei sobre o *reality show* americano *Rupaul’s Drag Race*, um programa de competição de *drags*, e sobre como ele afeta a cena *drag* brasileira e o público que a acompanha. Decidi por fazer uma lista comparativa das coisas boas e das coisas não tão boas que o programa trouxe para nossa comunidade. Na segunda, discorri sobre a *drag* brasileira Pablllo Vittar, falando da sua importância para a comunidade LGBTQIA+ contemporânea mas também dos problemas que ela gera para o meio *drag*, como a padronização da arte, o uso excessivo de estereótipos opressores femininos, etc. Também analisei dois fatores de seu sucesso (para além das músicas): A imagem e o discurso, tentando entender a sua aceitação pela população heterossexual.

Também foi abordada na revista a questão da afetividade de pessoas que fazem *drag*, principalmente homens gays, na coluna “Você namoraria com uma *drag* ?”. Versei sobre a misoginia dentro da comunidade gay e relatei algumas vivências enquanto homem gay que faz *drag*, e como esse fazer muitas vezes impediu pessoas de quererem se relacionar comigo. Convidei o professor de psicologia da UFPel Hudson Carvalho para dar sua opinião sobre o assunto, buscando ter outro ponto de vista no texto além da minha visão e experiência.

A revista contou também com uma entrevista com a *drag* Suzaninha Richthofen, de Florianópolis – SC, em que falamos um pouco sobre ela e sua carreira, discutimos a relação da *drag* com o teatro e a relação do artista com sua criação.

Na coluna “*Drag* é trabalho?”, abordei os diferentes tipos de trabalhos que *drags* exercem, citei alguns exemplos de *drags* que vivem do seu fazer e falei sobre como é tentar trabalhar como *drag* numa cidade de interior: os desafios, a desvalorização, a falta de espaço e cachê e ainda contando ainda com um depoimento da *drag* Sky, de Pelotas – RS.

Achei necessário também falar sobre a relação da minha família com a Abigail e contar, de uma forma geral, alguns episódios que aconteceram nesses dois anos de *drag* na coluna “Fazer *drag* é sair do armário duas vezes: A relação da minha família com a Abigail”..

Todas essas colunas são uma tentativa de colocar em um documento, vários relatos, opiniões, vozes, vivências e experiências sobre o fazer *drag*. Para que as *drags* possam ler, se identificar e ver o seu fazer colocado em um só lugar, de uma forma acessível. Penso que a revista vai além da exposição do processo de criação da Abigail: é quase um manifesto sobre a importância da arte *drag* no Brasil.

Abigail na universidade

Relatarei aqui, brevemente, algumas vezes em que a Abigail esteve presente na universidade e quais os desdobramentos e reações que sua presença gerou.

A primeira vez da Abigail na faculdade foi em 2016, na III Semana Acadêmica do Curso de Teatro da UFPel, em dois momentos. O primeiro foi em uma mesa sobre “As minorias sociais em diálogo com a linguagem teatral”, onde foi abordado o tema “A expressividade LGBT e da *drag queen* no teatro”. Na mesma semana acadêmica, apresentei o primeiro espetáculo teatral da Abigail, intitulado “(des)amores”, com fragmentos de conversas de *facebook* e músicas que tinham como tema os encontros e desencontros amorosos da vida.

Essa experiência foi feliz e ao mesmo tempo movimentadora, pois era a primeira vez que a Abigail pisava na faculdade e também a primeira vez que o curso de teatro recebeu uma *drag queen*. Pude apresentar meu trabalho em um espaço que ainda é muito academicista, onde muitos não consideram o fazer *drag* enquanto um fazer artístico, que é “somente entretenimento” e que é de menor valor, por estar ligado à boate. Apesar de recepções calorosas e afetivas, os olhares tortos e preconceituosos foram em grande quantidade. Como se a Abigail não devesse estar ali.

Em 2017, organizei um evento chamado “Para que não esqueçamos de *Stonewall*: A importância do ativismo na comunidade LGBTTQIA+”, no dia 28 de junho, dia mundial do orgulho LGBTTQIA+. O evento contou com participação de outras pessoas da comunidade e ainda com uma performance da Abigail. Neste evento a presença da Abigail foi muito melhor recebida até porque o evento era justamente sobre a diversidade. Foi um momento de comunhão da comunidade LGBTTQIA+ e de heterossexuais interessados em contribuir com nosso movimento.

Por último, cito a defesa do meu TCC, que foi apresentado pela Abigail e ainda contou com a performance da *drag* Lorena, de Pelotas – RS. Penso que esse seja o momento mais marcante, pois além de eu estar apresentando esse trabalho, feito por uma *drag queen*, falando sobre seu fazer, dentro da universidade, teve performances de *drag* no ambiente acadêmico. Mais simbólico ainda pela presença da Lorena, que é uma pessoa que não cursou a universidade por ter que trabalhar, e faz um estilo de *drag* que talvez seja um dos mais populares no Brasil: o bate cabelo².

Conclusão

Espero que com o meu trabalho e com a presença da Abigail na universidade, eu posso ter contribuído para que as *drags* possam começar a ser vistas não só como um objeto de pesquisa bizarro e distante, mas também como pesquisadoras, produtoras de conhecimento e capazes de articularem sobre o nosso fazer artístico.

² Tipo de show de *drag* onde a mesma dança e faz movimentos com a cabeça para que a peruca balance de um lado para o outro. Geralmente com música eletrônica agitada. Sugestão de vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=l6rDvY4mnM8>

Referências

AMANAJÁS, Igor. *Drag Queen: Um percurso histórico pela arte dos atores transformistas*. Revista Belas Artes, São Paulo, 06 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/16/drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas.pdf>> Acesso em: 14 de abril de 2018

Marcia Pantera "DESAFIO BATE CABELO" | Danger Dance Club (17-04-15) FULL HD - BY LEH SANUTY. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=l6rDvY4mnM8>. Acesso em: 15 de abril de 2018.

SILVA, Gengiscan Pereira. *Abigail: Discursos sobre o fazer drag*. Trabalho de Conclusão de Curso. Pelotas: UFPel, 2018.